

LETRAMENTO CARTOGRÁFICO E FORMAÇÃO CURRICULAR EM PEDAGOGIA

Daniel Cardoso Alves – Universidade Federal de Minas Gerais

dcauemg@ufmg.br

Macilene Vilma Gonçalves Ribeiro – Universidade do Estado de Minas Gerais

macilene.ribeiro@uemg.br

Sob o entendimento de letramento como um fenômeno social, situado, plural e multifacetado e de que o ensino da Cartografia perpassa, prioritariamente, por uma concepção ampliada do termo linguagem, o que o conecta ao campo dos novos estudos do letramento (NEL), apresenta-se, neste resumo, os resultados de uma pesquisa curricular que investigou a formação do pedagogo enquanto leitor mediador-cartográfico. A referida pesquisa partia da premissa de que a formação cartográfica do pedagogo associada aos NEL o potencializa como mediador eficaz para a formação dos futuros leitores cartográficos, sobretudo, daqueles leitores pertencentes às fases mais elementares do ensino escolarizado da Cartografia, isto é, os estudantes da Educação Básica.

Investigar a formação cartográfica desse profissional assume relevância, especialmente, quando se constata que a capacidade de cartografar¹, ou seja, a faculdade de fazer relações espaciais, de associar e relacionar espacialmente os fenômenos, de usar hierarquias espaciais a partir do domínio das práticas de visualização e orientação espacial, de reconhecer a distribuição espacial e de estabelecer as conexões entre os lugares, os sistemas de orientação e os referentes espaciais, se inicia na Educação Infantil (EI), etapa escolar em que, conforme expõe Castellar (2010, p. 23): “[...] a criança reconhece os lugares e os símbolos dos mapas, conseguindo identificar as paisagens e os fenômenos cartografados e atribuir sentido ao que está escrito”. Essas primeiras noções geocartográficas percorrerão o estudante-sujeito por toda a trajetória escolar e vida social.

Desse modo, a construção do entendimento sobre o mundo e como a Geografia trabalha, lê e interpreta os fenômenos do espaço geográfico, ou seja, a consciência do

¹ Segundo Deleuze e Guattari (1995), cartografar significa escutar o universo, o coração e as contínuas transformações da vida. Constitui-se como a arte de educar a mente e o coração sobre as linhas movediças de mapeamento e acompanhamento de territórios, lugares e sujeitos.

mundo, compreende a leitura crítica dos signos cartográficos, em especial os mapas, sendo a mediação do professor (do pedagogo) imprescindível para a

[...] orientação da qualidade da observação da realidade e das representações que os alunos estão fazendo, pois nelas estarão os signos e símbolos, os lugares indicados, os elementos que serão agrupados por critérios de agrupamentos, classificando os fenômenos por meio de cores ou quaisquer variáveis visuais. Esse é o contexto da mediação no qual a qualidade da intervenção do docente estimula a aprendizagem (CASTELLAR (2017, p. 213).

Assim, o estímulo dos estudantes da EI à aprendizagem cartográfica está diretamente relacionado com a mediação do docente, no caso, do pedagogo, pelo que, espera-se que esse profissional tenha se constituído, ao logo da sua formação acadêmica inicial, num leitor mediador-cartográfico.

Por leitor mediador-cartográfico entende-se aquele pedagogo que se constitui, a um só tempo, em decodificador e codificador sócio-semiótico. E essa condição de leitor mediador-cartográfico perpassa por uma formação curricular cartográfica concatenada com práticas multiletradas necessárias ao efetivo aproveitamento da potencialidade da linguagem multimodal inerente aos instrumentos cartográficos, os textos híbridos e multimodais da Geocartografia, nos quais a linguagem geográfica encontra-se imbricada com a linguagem cartográfica.

A supracitada pesquisa curricular, aqui em apresentação, com vistas a investigar esse conceito de leitor mediador-cartográfico, valeu-se da análise minuciosa do ementário e da bibliografia dos componentes curriculares do curso presencial de Pedagogia de uma instituição pública de ensino superior, a saber: Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais, *Campus* de Belo Horizonte (FaE/UEMG-CBH).

Com a referida pesquisa, foi possível traçar o território curricular ocupado pela Cartografia no curso de Pedagogia da FaE/UEMG-CBH e estabelecer uma correlação entre o que prescrevia o currículo investigado em relação à formação cartográfica do pedagogo e o que defendem os NEL aplicados ao ensino da Cartografia. Para tanto, a pergunta central na qual se ancorava a pesquisa era a seguinte: que formação cartográfica proclama o currículo do curso de Pedagogia da FaE/UEMG-CBH?

Para responder a essa questão, a pesquisa baseou-se em teóricos que possibilitaram a aproximação das discussões sobre linguagem cartográfica com os fundamentos filosóficos e as perspectivas da história cultural e da geografia crítica e

cultural assumida pelos estudos sobre multimodalidade e o seu papel na abordagem dos multiletramentos, especialmente autores reconhecidos como representantes dos NEL.

Para o seu desenvolvimento, valeu-se das contribuições de Bogdan e Biklen (1994) sobre os critérios metodológicos requeridos por pesquisas de abordagem qualitativa. Assim, adotou-se dois procedimentos para se traçar o território da Cartografia no curso investigado: a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental.

Na pesquisa bibliográfica, recorreu-se a livros e artigos de teóricos que permitiram um olhar ampliado sobre currículo, linguagem e letramento cartográfico do pedagogo, destacando-se: Arroyo (2011), Castellar (2010; 2017), Chartier (1999), Deleuze e Guattari (1995), Freire (1989), Gatti e Nunes (2009), Girardi (2009), Harley (1989), Kress (2003), Lacoste (1976), Manguel (2017), Martinelli (2003), Moreira (2017), Nóvoa (1992), Rojo (2013), Soares (1999) e Street (2012).

A pesquisa documental traduziu-se na busca por informações em legislações e documentos normativos diversos sobre a formação do pedagogo, a história do curso na UEMG, *locus* da pesquisa e, principalmente, o projeto pedagógico do curso de Pedagogia (UEMG, 2008).

Com base nas definições categóricas estabelecidas por Gatti e Nunes (2009) e utilizando-se dos termos descritores “linguagem”, “leitura”, “escrita”, “letramento”, “geografia”, “espaço geográfico”, “representação do espaço”, “mapa”, “multiletramento”, “multimodalidade”, “semiótica”, “semiologia” e “cartografia”, analisou-se as ementas e as bibliografias dos 89 componentes curriculares do curso.

A análise revelou que há uma invisibilidade da formação cartográfica ofertada ao pedagogo da FaE/UEMG-CBH, do mesmo modo em que a formação em Geografia Geral revela-se ínfima, uma vez que, no currículo, essa área do conhecimento representa menos de 5% das horas totais do curso e é contemplada apenas em três núcleos formativos, sendo excluída dos demais momentos curriculares, isto é, de mais da metade do curso.

A única referência bibliográfica que assinala para uma formação cartográfica, apesar da sua suma importância para a compreensão das formas de representação do espaço geográfico, apresenta-se defasada, datando de quase duas décadas passadas.

Com a pesquisa, concluiu-se que alcançar a visibilidade para a formação cartográfica no currículo do curso investigado perpassa, todavia, por contendas científicas, políticas e curriculares, exigindo-se a abertura dos currículos às indagações

no campo do conhecimento, o que incide, segundo Arroyo (2011, p. 50), em disputas entre sujeitos por controle dos territórios curriculares, tomados como: “Territórios sagrados a serem cultuados. Logo, controlados com novos rituais. O próprio campo do conhecimento objeto de disputa político-libertadora passa a ser objeto de controle”.

Diante dessas disputas, demarcar o território da Cartografia no currículo do curso de Pedagogia da FaE/UEMG-CBH significa lidar com questões outras que envolvem a história dos cursos de Pedagogia no Brasil, por isso, não se pode enganar por uma ingenuidade da formação inicial em si num dado curso, mas urge estar consciente de que demarcar esse território não se trata apenas de uma questão pedagógica. Ela envolve, sobretudo, o campo interno da alfabetização e do letramento, onde há muitas tensões marcadas por radicalismos teóricos, disputas políticas, científicas, de metodologias, além da costumeira prática de culpabilizar professores e sistemas de ensino.

Palavras-chave: Letramento. Cartografia. Currículo. Pedagogo.

Referências:

ARROYO, M. G. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BOGDAN, R.; B. S. K. **Investigação Qualitativa em Educação** – uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

CASTELLAR, S. M. V. Cartografia Escolar e o Pensamento Espacial fortalecendo o conhecimento geográfico. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 7, p. 1-245, 2017.

CASTELLAR, S. M. V.; VILHENA, J. A Linguagem e a Representação Cartográfica. *In:* CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. **Ensino de Geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

CHARTIER, R. O leitor: entre limitações e liberdade. *In:* **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP/ Imprensa Oficial do Estado, 1999.

DELEUZE, G.; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. Capitalismo e Esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995-1997.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GATTI, B. A; NUNES, M. M. R. **Formação de professores para o ensino fundamental**: estudo de currículos das licenciaturas em pedagogia, língua portuguesa, matemática e ciências biológicas / Bernardete A. Gatti; Marina Muniz R. NUNES (orgs.) são Paulo: FCC/DPE, 2009.

GIRARDI, G. **Mapas desejantes**: uma agenda para a Cartografia Geográfica. *Pró-Posições* (UNICAMP. Online), v. 20, p. 147-157, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v20n3/v20n3a10.pdf>. Acesso em 31 mar. 2020.

HARLEY, J. B. Deconstructing the map. *Cartographica*. v. 26, n. 2. Toronto: University of Toronto Press, 1989.

KRESS, G. What is literacy?: resources of the mode of writing. *In*: KRESS, G. **Literacy in the new media age**. London: Routledge, 2003.

LACOSTE, Y. **A Geografia Serve Antes de Mais Nada Para Fazer a Guerra** (edição brasileira: *A Geografia, Isto Serve, Antes de Mais Nada, Para Fazer a Guerra*, São Paulo: Editora Papirus, (1988). Lisboa: Editora Iniciativas Editoriais, 1976.

MANGUEL, A. **O leitor como metáfora**: o viajante, a torre a traça. São Paulo: Edições Sesc, 2017.

MARTINELLI, M. **Mapas da geografia e cartografia temática**. São Paulo: Contexto, 2003.

MOREIRA, R. **Uma ciência das práticas e saberes espaciais** (texto digitado). *Revista Tamoios*, São Gonçalo, ano 13, n. 2, p. 26-43, jul./ dez. 2017.

NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. *In*: António Nóvoa (coordenação). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, p. 13-33, 1992.

ROJO, R. H. R. Gêneros discursivos do Círculo de Bakthin e multiletramentos. *In*: *Multiletramentos na escola*. (Org.). **Escola conectada**: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

STREET, B. Eventos de letramento e práticas de letramento: teoria e prática nos Novos Estudos do Letramento. *In*: MAGALHÃES, I. (Org.). **Discursos e práticas de letramento**: Pesquisa etnográfica e formação de professores. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

UEMG - UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Graduação. **Projeto Pedagógico do Curso presencial de Pedagogia da FaE/UEMG**, 2008. Disponível em: <http://www.uemg.br/graduacao/cursos2/course/pedagogia>. Acesso em: 14 dez. 2019.